

Artigo

Geografia e português no estudo do meio – metodologia interdisciplinar de ciências humanas: a entrevista

Nídia Nacib Pontuschka

Universidade de São Paulo

Eulina Pacheco Lutfi

p. 386 – 402

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 18, nº 2 (2014)

ISSN 2179-0892

Artigo disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/82707>

Como citar este artigo:

PONTUSCHKA, N. N.; LUTFI, E. P. Geografia e português no estudo do meio. metodologia interdisciplinar de ciências humanas: a entrevista. *GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 386-402, 2014.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 3.0 License.

Geografia e português no estudo do meio – metodologia interdisciplinar de ciências humanas: a entrevista

Nídia Nacib Pontuschka
Eulina Pacheco Lutfi

Resumo

Esta é uma pesquisa realizada com professores, em 2008, em Guarulhos-SP, cidade industrial. Aplicou-se a entrevista no trabalho de campo do estudo do meio com abordagem interdisciplinar que envolve geografia e português. O objetivo foi entender as relações dos moradores com Guarulhos, onde a especulação imobiliária é crescente e resulta na acelerada urbanização e insuficiência de moradia. Tomamos Lefebvre como suporte teórico para entender a produção do espaço e as representações sociais dos moradores, e Bakhtin para compreender a noção de dialogismo. Analisaram-se duas canções de Adoniran Barbosa para desencadear o processo da pesquisa. Essa metodologia ajudou os docentes a entrevistarem os moradores de Lavras e do Jardim City, em Guarulhos.

Palavras chave: Moradia. Entrevista. Estudo do meio. Formação de professores. Interdisciplinaridade.

Geography and Portuguese in the Study of the Milieu – interdisciplinary approach to human sciences: the interview

Abstract

This is a research of teachers in 2008 in Guarulhos – SP, industrial city. The interview was used in fieldwork the Milieu Study with an interdisciplinarity approach that involves Geography and Portuguese. The objective was understand the relationships among the residents with the Guarulhos where a real-state speculation is growing and has accelerated urbanization and inadequate housing. We took Lefebvre as our theoretical support for understanding the space production and the social representations of the residents, and Bakhtin to understand the notion of dialogism. Musical productions of

Adoniran Barbosa were analyzed to trigger the process of research. This methodology helped teachers to conduct interviews with residents of Lavras and Jardim City, Guarulhos.

Keywords: Housing. Interview. Milieu Study. Teacher Training. Interdisciplinarity.

Introdução

Os cursos de formação inicial ou continuada de professores podem se constituir como processos de pesquisa e uma das metodologias eficazes a ser utilizada é o estudo do meio Pontuschka (2004).

O estudo do meio, metodologia interdisciplinar, possibilita conhecer relações entre os habitantes e passantes de lugares definidos e os processos naturais e sociais do espaço em estudo, além de favorecer o conhecimento mais amplo de relações locais e universais, em suas temporalidades historicamente consideradas.

Como pesquisa o estudo do meio elabora interrogações e hipóteses oriundas da realidade vivida, tendo em conta, nesse lugar, os recursos, carências, urgências, desejos, disponibilidades, encaminhamentos e possíveis soluções. Realiza-se em três momentos fundamentais:

- (1) preparação para o trabalho de campo, através de estudos teóricos de diferentes ciências e artes; atividades práticas decorrentes desses estudos; visita preliminar ao local para se precisar o objeto de estudo;
- (2) pesquisa *in loco* para observação, entrevista e registros sob diversas formas;
- (3) organização do material coletado; análise das entrevistas; elaboração de trabalhos orais, gráficos e imagéticos a partir dos estudos interdisciplinares iniciados no primeiro momento e que se ampliam com os dados coligidos.

Construção do estudo do meio

Professores e alunos juntos discutem sobre aspectos diferentes da realidade que desejam estudar. Selecionam uma delas para conhecê-la em profundidade, sejam do cotidiano dos professores e estudantes ou outras realidades importantes em sua formação. Pode-se partir do estudo de uma escola; serviço de um trabalhador; setor de transportes; turismo; praças; cidades ou de uma área rural.

É fundamental que a escolha não seja forçada pelo docente coordenador; que alunos e professores de diferentes disciplinas apontem lugares ou problemas a serem melhor conhecidos para que, ao mobilizar o grupo-classe, o selecionado seja estímulo e adequação aos objetivos de cada disciplina. O planejamento inicial, realizado em sala de aula, antes da saída para o campo de estudo, consta da averiguação do que os alunos sabem sobre o tema escolhido e da leitura de textos que alunos e professores debatem em classe. Após esses contatos com a temática, cada professor saberá como relacionar o tema aos objetivos de sua disciplina.

Na etapa seguinte, faz-se o planejamento do trabalho de campo. Há que se ter cuidado de saber quais são os recursos necessários à coleta de informações (observações individuais, entrevistas, anotações escritas, gravação, fotografias, desenhos), bem como as disponibilidades financeiras da escola e dos alunos. Tudo deve ser planejado para proveito máximo das informações obtidas, a fim de serem integradas ao currículo e aos planos de curso.

Na sala de aula, o material coletado será sistematizado pelas disciplinas. Se o objetivo é conhecer aspectos da realidade é importante saber que apenas o visível não dá conta da realidade. Há necessidade de perscrutar esse visível e ir à busca de mais informações, através de entrevistas relacionadas com a problemática do lugar, ou em textos versando sobre a temática.

O estudo do meio também possibilita pensar em soluções, considerando os limites e as possibilidades do grupo de alunos e professores em suas dimensões materiais, de comprometimento com a realidade em foco, da capacidade de criação e vontade política. Nesse sentido, as entrevistas têm papel fundamental para encontrar respostas mais profundas. A formação de um grupo de professores de diferentes disciplinas, trabalhando conjuntamente, pode incentivar a interdisciplinaridade, ou um trabalho pedagógico mais integrado que afrouxe a fragmentação entre os saberes e promova a apreensão de conteúdos vinculados à realidade educacional.

A concepção de trabalho interdisciplinar adotada pressupõe a colaboração das várias ciências e artes para o estudo de determinados temas que orientam o trabalho escolar, respeitando a especificidade de cada saber, necessário no diálogo inteligente com o mundo e cuja gênese encontra-se na história do conhecimento. Ao se respeitar os fragmentos de saberes, procura-se entender a relação entre uma totalidade em construção a ser perseguida e continuamente a ser ampliada pela dinâmica de busca de novas partes e novas relações (Delizoicov; Zanetic, 1993, p. 13).

Associado intrinsecamente à interdisciplinaridade e ao trabalho coletivo está a *dialogicidade* que exige dos vários sujeitos sociais, envolvidos no projeto, colaboração permanente. Sabemos que o pensar e o agir interdisciplinares constituem tarefas árduas. Para que professores e alunos passem de um trabalho individual, solitário e compartimentado, no interior de uma disciplina, para um trabalho conjunto, orientado para o interdisciplinar, exige-se um grande esforço individual e coletivo no sentido de ir à busca da totalidade e superar formas tradicionais de ensino. A aproximação a essa totalidade somente será conquistada por meio de uma construção em que olhares diferenciados incidam sobre um objeto e as pessoas dialoguem sobre ele, cada qual iluminado pelos fundamentos teóricos e conceitos básicos de sua disciplina, na busca incessante de compreendê-lo melhor.

A pesquisa refere-se à realidade do lugar e suas relações com realidades globais com a possibilidade de interferir nos problemas cruciais vividos pelo povo: desigualdades sociais, carência de moradia, desemprego, discriminação da mulher, marginalização de minorias étnicas, doenças ligadas a equipamentos urbanos, degradação ambiental.

A desinformação da população em geral estará presente na *seleção cultural*. A diversidade cultural do povo deverá ser estudada como riqueza e como identidade, caminhando em direção à superação de preconceitos que interferem nas relações pessoais, obstaculizando o aproveitamento das possibilidades que o próprio cotidiano oferece.

Os conteúdos extraídos da realidade por meio de pesquisa serão relatados e registrados, tendo a oralidade como a expressão interativa com as demais formas de linguagem escrita e imagética. No estudo do meio, considerado como ensino e pesquisa, constrói-se um acervo que se transformam em produções de alunos e professores: textos, desenhos, croquis, vídeos, filmes, fotos, sites, todos facilitados pela pesquisa coletiva.

As metodologias interdisciplinares, para a compreensão dos espaços criados e recriados e das temporalidades que se expressam na paisagem urbana, possibilitam a ampliação da visão de mundo dos agentes participantes: entrevistados, grupos comunitários e demais colaboradores. Tais metodologias constituem-se fator de possível intervenção na construção e reconstrução do espaço urbano, no sentido de se entender e minimizar as relações de poder nas quais a hierarquia põe os grupos humanos.

A entrevista no estudo do meio

A entrevista é aplicada porque: a) considera - se o saber do outro, como forma de atualização de conhecimentos e possibilidade de criação de novos conhecimentos; b) contribui à compreensão de sua importância como metodologia em ciências humanas; c) concretiza-se, na análise de entrevistas a necessidade da interdisciplinaridade nas ciências humanas.

Os depoimentos podem constituir fontes históricas importantes, entre os quais a fala registra o linguajar regional e local em seus diferentes aspectos: idade, situação socioeconômica e profissão de entrevistados. As falas são documentos para estudo das relações entre a oralidade e a escrita. É elemento básico no estudo das representações sociais.

Na análise das entrevistas, nos detemos nas informações que o entrevistado tem sobre a história do lugar, nas relações entre o lugar e a vida presente dos habitantes e nas contribuições que esse lugar tem possibilitado para o aprofundamento do saber do entrevistado, levando-se em conta as relações entre os lugares vividos pelo entrevistado. As expressões orais do entrevistado são literalmente registradas pelo pesquisador. Na linguagem oral o entrevistado demonstra com maior clareza suas representações sociais: a consciência de seu lugar no mundo, seus sonhos, a noção de seu EU histórico-coletivo.

No estudo das entrevistas, adotamos o teórico Bakhtin, para quem, nas ciências humanas, o locutor e sua palavra são fundamentais ao conhecimento. Entendemos que para esse filósofo da linguagem, a palavra do outro (escrita, falada ou silenciada) faz dele, assim como do pesquisador, também sujeito – autor.

Amorim (2001, p. 134) retoma o pensamento de Bakhtin:

A palavra existe para o locutor sob três aspectos: enquanto palavra neutra da língua que não pertence a ninguém, enquanto palavra de outrem pertencente aos outros e plena do eco dos enunciados dos outros, e, finalmente, palavra sua, pois, na medida em que lida com essa palavra, numa situação dada, com uma intenção discursiva, ela já está penetrada por sua expressão.

Bakhtin considera que a “pesquisa, em ciências humanas, contém três fases: 1) reconstituição do contexto enunciativo e dialógico em que se produziu o texto;¹ 2) formulação de leis explicativas do texto; 3) interpretação do sentido do texto” (Amorim, 2001, p.189).

A interpretação e a construção do sentido acontecem na relação entre sujeitos em situação dialógica.

¹ Texto compreendido em sua acepção ampla, isto é, como um conjunto coerente de signos ou matéria significante. Entendemos aqui texto-palavra ou outro tipo de texto, de conjunto de significados.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com olhos, lábios, mãos, alma, espírito, todo o corpo (Bakhtin, 2003, p. 348).

Lefebvre (1980; 1991), além de apoiar a reflexão teórica do ponto de vista da linguagem, contribui para a compreensão da produção de um espaço inconcluso, sempre em construção, inacabado. Esse autor ajuda a analisar os conteúdos das falas dos entrevistados em que a questão da moradia na grande cidade é sempre recorrente.

Tomamos como ponto de partida o teórico Bakhtin para quem, nas ciências humanas, o locutor e sua palavra são fundamentais para o conhecimento, ou seja, o problema específico das ciências humanas é o diálogo com o *outro*.

Entendemos que para esse filósofo da linguagem, a palavra do outro (escrita, falada ou silenciada) faz dele, assim como o pesquisador, também sujeito-autor.

Para a amplitude do sentido, é preciso considerá-lo não só no passado imediato e no futuro previsível, mas também na grande temporalidade histórica, “diálogo infinito e inacabável onde nenhum sentido se esgota” (Amorim, 2001).

É específico em ciências humanas ocupar-se da explicação e interpretação; do sentido e conceito; do reprodutível e irreprodutível; do dialógico e lógico. Daí o caráter caleidoscópico a que se refere Amorim, pois o objeto de estudo não se desvenda à primeira vista, está sempre em processo de construção.

Podemos entender que o método em ciências humanas pressupõe o percurso do sentido, trabalho delicado de bordado que se vai fazendo, no encontro com o outro, com saberes desse outro com quem dialogamos por escrito ou oralmente para que novo saber seja criado; saber que é ao mesmo tempo do pesquisador e desse outro. Percurso inconcluso, em que se delineiam etapas de vida, sem se ter o desenho final.

O tema moradia no estudo do meio

Como foi escrito acima, é o homem, em seu diálogo com a vida, no simpósio universal e histórico de todos os seres humanos, o objeto fundamental das ciências humanas. Assim, no estudo do meio, procuramos detectar o que emerge com maior força, quando interagimos com o homem que habita o espaço a ser estudado. Do que emerge, extraímos o tema que inicialmente orientará a pesquisa. Outros temas surgirão no decorrer do processo e poderão se integrar ao primeiro ou indicar outros assuntos e percursos, porque as investigações iniciais não mostram a realidade inteira vivida ali.

Na Região Metropolitana de São Paulo, significativa parcela da população enfrenta há anos os problemas decorrentes da falta de *moradia*. Tal problema é uma das consequências do modo pelo qual vem ocorrendo a urbanização que tem, na especulação imobiliária poderoso fator de lucro.

Num curso de formação para professores, em 2008, no município de Guarulhos, a carência de moradia; as precárias soluções encontradas pelos que dela necessitam; dilemas e sofrimentos a ela relacionados determinaram a escolha de *moradia* como eixo para o estudo do meio. As entrevistas foram realizadas nos bairros de Jardim City e Lavras.

Como procedimento metodológico na preparação para a entrevista, escolheu-se a expressão artística do problema, através de duas canções de Adoniran Barbosa sobre a cidade de São Paulo. O estudo dessas composições foi precedido por uma entrevista que o autor deu a Fernando Faro, na TV Cultura. Da comparação entre o depoimento do artista e seus poemas-música, tratamos das formas como é vivido e contado o problema da moradia, bem como das representações que nascem desse vivido.

Letras das músicas

Saudosa maloca

Se o senhor não tá lembrado, dá licença de contar
Ali onde agora está este edifício arto
era uma casa véia,
um palacete assobradado.
Foi aqui seu moço, que eu,
Mato Grosso e o Joca
construimo nossa maloca.
Mais um dia, nós nem pode se alembrá,
veio os home
com as ferramenta
que o dono mando derruba.

Peguemos todas nossas coisas e
fumos pro meio da rua
apreciá a demolição.
Que tristeza que nós sentia,
cada tauba que caía
doía no coração.
Matogrosso quis gritar,
mas em cima eu falei:
os home tá co'a razão,
nóis arranja outro lugar.
Só se conformemo,
quando o Joca falou:
Deus dá o frio conforme
o cobertor.
E hoje nós pega paia
na grama do jardim
e pra esquecer nós
cantemos assim:
Saudosa maloca, maloca querida,
dim dim donde nós passemos
os dias feliz da nossa vida.

Abrigo de vagabundos

Eu arranjei o meu dinheiro,
trabalhando o ano inteiro,
numa cerâmica,
fabricando potes.
e lá no alto da Mooca,
eu comprei um lindo lote
dez de frente e dez de fundos,
Construí minha maloca.
Me disseram que sem planta
não se pode construir
mas quem trabalha
tudo pode conseguir.
João Saracura
que é fiscal da Prefeitura
foi um grande amigo,
arranjou tudo pra mim.

Por onde andaré
Joca e Matogrosso,
Aqueles dois amigos
Que não quis me acompanhar?
Andarão jogados na avenida São João
Ou vendo o sol quadrado na detenção.

Minha maloca,
A mais linda que eu já via
Hoje está legalizada ninguém pode demolir.
Minha maloca, a mais linda deste mundo,
ofereço aos vagabundos
que não tem onde dormir

O compositor

Adoniran Barbosa é um cronista de São Paulo. Retrata a vida urbana, a convivência, conflitos, encontros/desencontros e a luta do trabalhador pela sobrevivência e moradia.

No início da carreira, o artista sofreu preconceitos: suas composições foram julgadas ingênuas, superficiais e sua linguagem, um desrespeito à norma padrão da língua portuguesa (devido ao uso de termos como *tauba*, *veia*, *peguemu*). O reconhecimento de sua arte ocorreu, quando estava com mais de 60 anos de idade e suas músicas gravadas por duas cantoras muito conceituadas, Gal Costa e Elis Regina. Adoniran foi valorizado também por Antônio Cândido, respeitado crítico literário, professor de Teoria Literária na Universidade de São Paulo que escreveu a contracapa de um disco do compositor. O

texto foi um marco importante na vida de Adoniran. Além disso, sua composição “Trem das onze” foi escolhida como a música que melhor representa a cidade de São Paulo, em concurso realizado pela TV Globo – SP.

A composição “Saudosa maloca”

A música, de 1950, trata da ocupação de um sobrado abandonado da cidade e desocupação forçada, imposta pelo mercado imobiliário.

A narrativa em primeira pessoa revela o ponto de vista do narrador/personagem, o desabrigado. A realidade aí descrita atesta as frequentes demolições de palacetes, casarões, ocorridas nas décadas de 1950 e 60, para dar lugar à crescente cidade industrial.

Famílias inteiras ou jovens tentavam a vida na cidade do progresso, do capital, do trabalho de muitos e do lucro de poucos, da marginalidade (vagabundagem?) dos que não entravam nas engrenagens da máquina da produção.

O que nos é explicitado sobre a história da ocupação do solo paulista? Para onde foram expulsos os índios? Em nome de quem e de quê? O que ganharam as construtoras que aterram as margens dos rios e mudaram os destinos de seus antigos habitantes? Quem eram os *home* que mandaram derrubar a maloca, em 1950? Quem havia feito a lei que os autorizava? Quem teria tido a posse daquela terra no processo histórico da cidade? E com quais direitos?

“Saudosa maloca” é um diálogo entre o narrador, seus amigos e os leitores-ouvintes, sobre a dor de perder sua casa. Tristeza lenta reafirmada a *cada tauba que caía* vinda da destruição não apenas da maloca, mas do sonho de ter o direito a um lugar, a sua moradia. O verbo *construir* nos diz do saber dos personagens participantes do diálogo. Tinham habilidades e a energia que requer o trabalho pesado e minucioso da construção. Juntos a adaptaram. Juntos moraram. Nos três *doía* a demolição de tudo. E *doía no coração*.

“Saudosa maloca” é um lamento resignado; forçado, como a do povo que tem consciência de sua impotência para contestar o poder e cai no conformismo em relação à justiça divina e à dos homens.

A composição “Abrigo de vagabundos”

Nessa composição, Adoniran Barbosa retoma o tema da moradia e os personagens de “Saudosa maloca”: Joca e Mato Grosso. Trata de uma “volta por cima”, através do trabalho, encarado positivamente em oposição à vagabundagem. Mostra como o personagem/narrador consegue reverter a situação de um morador de rua, através do trabalho *numa cerâmica, fabricando pote*. Foi “trabalhando o ano inteiro” que ele conseguiu dinheiro para comprar um lindo lote e ali construir sua nova maloca. O narrador compara a saudosa maloca com sua nova moradia. Enquanto aquela não tinha planta, não estava autorizada, essa, graças a um expediente, lícito ou ilícito, de um fiscal da Prefeitura “está legalizada, ninguém pode demoli”. Ele exprime sua gratidão ao fiscal e valoriza a amizade. Preocupa-se com seus amigos. “Por onde andaré Joca e Mato Grosso?”. E, solidário, oferece a maloca “aos que não têm onde dormir”, sofrimento tão comum até hoje, nas grandes cidades como São Paulo.

A música retrata a situação de muitos moradores de bairros periféricos das grandes cidades: muito trabalho, o dinheiro “suado”; a compra de um terreno e o orgulho de construir a casa própria, ano após ano, tijolo por tijolo, colocados pelos próprios proprietários com a ajuda de familiares e amigos. Cada dinheiro ganho, um pouco de material comprado... Os pilares pouco a pouco levantados, as paredes erguidas, as lajes assentadas, os cômodos se formando. Anos se passam até se formar uma escada, colocar uma janela ou uma porta.

Entrevista de Adoniran Barbosa (fragmentos)

“Ensaio”. **TV Cultura**, São Paulo. 1972.

entrevistador: Fernando Faro

Em Valinhos. Nasci lá, depois vim pra Jundiaí. De Jundiaí fui para o Grupo Escolar Coronel Siqueira Moraes. Dali do Grupo fui trabalhar no hotel e. entregar marmitta. Entregava marmitta, e no caminho eu tinha fome, sabe, e abria a marmitta e contava os bolinhos. Se a família tinha duas pessoas e tinha seis bolinhos, eu comia dois no caminho. Se a família tinha quatro pessoas e ia oito pasteizinhos ou ia dez, eu comia dois. Tinha fome. Não era malandro, era fome. Trabalhei em metalúrgica; trabalhei de fazer tecido. Era tecelão, tecelão não, era fiação. Trabalhava das quatro da tarde às onze da noite. [...]

Pintor de parede em Santo André [...]. Fui encanador de água e esgoto. Depois fui mascate, vendia retalhos na rua, retalhos de tecidos, vendia meia. Tanta coisa que eu fui e só deu pra fazer samba. Fazia samba no caminho, andando. Eu só queria fazer samba.

A análise da entrevista

Na entrevista que Adoniran Barbosa concedeu a Fernando Faro, o que nos chama atenção é não se ouvir a voz do entrevistador. Entre outros aspectos, essa técnica realça a importância do entrevistado, como a nos dizer que sua fala é primordial. O tom é de conversa, deixando o entrevistado à vontade, em um encontro de pessoas. Há aceitação e respeito pelo outro: pelo seu modo de ser, sua visão de mundo e sua linguagem, que não segue a norma padrão.

O fato de a imagem de Fernando Faro estar oculta é consoante à nossa concepção segundo a qual, no diálogo entrevistado-entrevistador, o saber do entrevistado é considerado de grande importância para o estudo que se pretende. Naquele momento, conforme nos ensina Bakhtin (2003), há um diálogo com saberes que nos constituem como seres históricos. Entrevistador e Entrevistado são portadores de experiências de vida e de aprendizados recentes, antigos e ancestrais. Assim, o entrevistador, preparado para a entrevista, será um atencioso ouvinte daquilo que o entrevistado tem a dizer.

Em seguida, vamos nos deter em algumas informações que Adoniran nos dá a respeito da vida na cidade de São Paulo. O trabalho infantil; a insuficiente alimentação de parte de seus habitantes; os expedientes para se libertar do peso das dificuldades enfrentadas no dia a dia.

Essas informações de uma São Paulo, cidade economicamente bem situada no cenário brasileiro já nos anos 1940-50, quando comparadas com as que temos hoje, infelizmente nos mostram situações que permanecem: o trabalho infantil ainda ocorre em olarias, lixões, serviços domésticos, vendas em vias públicas e tantos outros; as lutas dos mais pobres continuam duras e os artistas cada vez mais submetidos a julgamentos oriundos de grandes interesses econômicos.

Como fonte histórica, considerando-se a história oral, é importante ressaltar as marcas das temporalidades. Refere-se ao momento presente da entrevista, 1972, contando que o bairro “Cidade Ademar não tem luz, não tem água e poço, se quiser, é fossa”. Diz da falta de segurança: “eu tenho que ir pra casa cedinho por causa dos assaltante. Já roubaram nosso violão, nosso pandeiro”. Essa é a situação comum dos bairros pobres da cidade que convivem, com tempos de abandono. Enquanto fala do presente vai misturando seu passado: alteração da data de nascimento no *batistério*, para começar a trabalhar numa fiação aos dez anos, porque a permitida legalmente era 12 anos de idade. Prossegue lembrando os diferentes ofícios que teve: abriu valas para esgoto, foi mascate, trabalhou em metalúrgica e conclui “só deu mesmo para fazer samba”.

As representações sociais na linguagem de Adoniran

De que modo a visão de mundo de Adoniran nos possibilita conhecer as representações de grupos constituintes da sociedade, em sua época? Qual o significado desse estudo?

Ao nos ocuparmos das representações de mundo que perpassam a linguagem de Adoniran, podemos compreender melhor as expectativas, o pensar e o agir da camada social a que ele pertencia e, desse modo, aprofundar o conhecimento sobre a relação entre cidade e vida da população. O estudo das representações sociais é fundamental porque constituem o pensamento, a imaginação, os sentimentos dos seres humanos. Porém, há que se considerar que muitas delas se originam de manipulações da vida real. São criadas por mecanismos de dominação e veiculadas através de boatos, crendices, medos, palavras e imagens falsas. Essas falsas representações têm grande eficácia porque, tidas como verdadeiras, influenciam negativamente na atuação das pessoas que nelas creem. Impedem que a realidade seja enxergada em profundidade, provocando ações, por vezes, irreparavelmente equivocadas.

O estudo das representações é um auxiliar no desejo de se distinguir o que pode facilitar e o que pode dificultar o processo de transformação social no sentido de uma vida justa para todos.

Algumas das falas de Adoniran constituem expressões de seus valores, sua visão de vida, suas representações. Por exemplo, as que se referem ao trabalho como um valor social. O vocábulo *trabalho* se repete. No começo da entrevista fala de sua vida de trabalhador desde criança e insiste em demonstrar que os ofícios foram todos difíceis, mas que ele foi capaz de executá-los e lhe possibilitaram diferentes conhecimentos, importantes em sua vida.

Essa associação era uma representação forte de grupos sociais, em São Paulo, na primeira metade do Século XX. Nesse período, a força do getulismo e sua máxima “só o trabalho dignifica o homem brasileiro” reforçavam a ideologia do capitalismo e a necessidade de braços para o crescimento da cidade e de controle dos que ficavam à margem do trabalho assalariado. Estes são os *malandros*, *malandrinhos* que sobrevivem com trabalhos ocasionais, subemprego ou expedientes

pouco ou nada recomendáveis. O protesto contra tal situação e a oposição à ideologia capitalista assumem formas tanto em músicas populares quanto em personagens como Macunaíma, de Mário de Andrade. A representação desse antagonismo *trabalho-ócio* atravessa a fala de Adoniran e sua composição “Abrigo de vagabundos”, em que o personagem narrador se reabilita e constrói sua moradia porque é trabalhador. Comparando as duas composições, pode-se supor que, em “Saudosa maloca”, o narrador e seus amigos não exercessem um trabalho formal, o que não os impediu de construir a moradia. Como grande parte da população trabalhadora ainda não tem direito a sua própria casa, fica evidente a distância entre a representação de que o *trabalho possibilita a moradia* e a realidade vivida. Essa é, portanto, uma falsa representação.

Ao pronunciar com ênfase o nome inteiro do Grupo Escolar onde o artista estudou, ele revela a importância que atribui à educação escolar. Para essa população sofrida, descendente de imigrantes, às vezes até impedidos de se alfabetizar, ter passado por um grupo escolar dá dignidade à pessoa. O binômio estudo-trabalho constitui uma das representações mais presentes na fala de pessoas que tiveram vida semelhante a de Adoniran.

“Só deu para fazer samba” é uma expressão que, de certa forma, repete uma representação que não é propriamente sua; um valor social, uma representação falsa, segundo a qual *fazer samba* é um fazer menor. Esse desprestígio, essa representação social em relação à música popular, é entremeada, na fala de Adoniran, com a certeza de que suas composições musicais têm valor. Essas ambiguidades são oriundas de valores impostos que conflitam com aqueles nascidos do vivido. E o estudo desses conflitos, originados de representações, em confronto com o que se vive, é muito importante para a compreensão dos rumos tomados por grupos ou pessoas que se aniquilam, em vez de se reconhecerem como capazes de mudar a vida.

Autoconstrução de moradia: palavras de entrevistados

A paisagem da cidade de São Paulo e de seu entorno, principalmente a partir dos anos 1950, vem passando por grandes transformações. São consequências características das grandes metrópoles em que Estado, empresas imobiliárias e valor do solo urbano constituem uma tríade fundamental para a configuração da cidade e a segregação de parte da população.

O Estado cria o suporte de infraestrutura necessário à expansão industrial, financiando a curto ou longo prazo, as empresas e agindo diretamente como investidor econômico. Agências governamentais empregam recursos no financiamento de habitações destinadas a camadas que podem pagar o preço de mercado da construção habitacional e aquelas que se colocam dentro da demanda “de interesse social” não conseguem amortizar as prestações previstas. Nesse caso as habitações acabam sendo transferidas para grupos de renda mais elevada (Kowarick, 1979, p. 51).

A análise de entrevistas realizadas nos bairros Jardim City e Lavras, no trabalho de campo do estudo do meio, em 2008, confirma hipóteses sobre dificuldades de moradia, decorrentes dessa configuração e suscita novos questionamentos. O trabalho de campo atualizou a importância que hoje assume a relação entre moradia, violência e problemas ambientais o que se pode verificar pela palavra dos entrevistados.

Nesse sentido, a autoconstrução de moradias revela importantes dados. Além da ocupação das áreas de mananciais ou de risco há outros problemas. O crescimento da cidade, obrigando grande parte de sua população a se deslocar para regiões distantes do centro, tem causado o aumento de interferências danosas ao meio ambiente, devido a essas precárias construções, seguidas posteriormente, de avenidas em fundos de vale e alterações do terreno, em função de instalação dos diversos equipamentos exigidos por novos e caros edifícios.

Em Guarulhos, dois momentos marcam esse processo: na década de 1950, a abertura da rodovia Presidente Dutra, ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro e nos anos 1990, a construção do Aeroporto Internacional André Franco Montoro. Esses empreendimentos atraíram contingentes de trabalhadores que procuraram lugar para morar. Muitos deles adquiriram lotes financiados, em loteamentos abertos por construtoras como a Continental, em áreas pouco valorizadas comercialmente. Ao expandir-se a cidade para áreas afastadas, sem que fossem implantados serviços de infraestrutura e condições socialmente saudáveis para habitação, diversos tipos de violência acabaram por acontecer contra seres humanos, a flora e fauna, além de impedir o direito de morar dignamente. O processo de autoconstrução constitui-se na tentativa de conquistar esse direito, mas o resultado é, salvo exceções, decepcionante.

Cláudio-A, de 28 anos, controlador de acesso numa escola pública, conta como a família se estabeleceu no bairro. O Jardim City era um lugar abandonado na cidade. Quando a empresa Continental loteou esse espaço, ofereceu terrenos a preços bastante baixos e possibilidade de pagamento parcelado, o que atraiu pessoas vindas de outras cidades ou mesmo que moravam de aluguel. Os compradores não poderiam se servir, em curto ou médio prazo, de transporte, escola e outros serviços urbanos imprescindíveis. As famílias iniciaram a construção de suas casas. Na impossibilidade de contar com especialistas que desenhassem as plantas, nem com pedreiros, encanadores ou eletricitas, elas próprias se incumbiram do trabalho.

Cláudio-A continua: “Meu pai tinha o desenho na mente, com a parte elétrica, encanamento e tudo. 40 pessoas fizeram a casa, aprendendo a fazer a casa de parentes”.

A autoconstrução é um processo perverso. Vai acontecendo durante anos, em fins de semana, dias ou horas de folga dos moradores que, de início levantam as paredes de um cômodo e um banheiro.

Esse é um sobre-trabalho, não pago pelas empresas, o que serve para reproduzir a força de trabalho a baixos custos para o capital. Nesse processo, há a redução de outros itens vitais como a diminuição do padrão alimentar que para muitas famílias passa a se situar abaixo dos níveis mínimos de sobrevivência (Bonduki; Rolnik, 1979).

Além de a compra de materiais para a construção favorecer o comércio que em muitos casos se estabelece no local, revendendo mais caro que as empresas em que se abastecem.

O processo de mutirão revela os saberes dos futuros moradores. Mesmo sem formação profissional, demonstram que são capazes de realizar difíceis tarefas na construção. É o que nos diz Cláudio A: “Meu pai planejou e fez, e a casa está lá, nunca caiu”.

Essa fala é também uma mostra de solidariedade entre os membros da família e mesmo entre gente da vizinhança. É o meio que encontram para superar tanta dificuldade enfrentada nos primeiros tempos de isolamento, naquelas distâncias.

Os primeiros moradores desse tipo de loteamento são importantes para as empresas imobiliárias e para o investimento do Estado, pois é previsto que os espaços vazios entre os centros e esses locais sejam posteriormente ocupados por residências, comércio, indústrias e serviços, acrescentando valor aos terrenos e, conseqüentemente, aos impostos. Quando os equipamentos urbanos se ampliam e chegam até onde estão os antigos moradores, esses sentem-se apartados do que é feito ali. São ignorados pelos novos moradores ou pelos que utilizam os melhoramentos, como se a cidade não dependesse do trabalho deles. A *representação* oriunda das relações entre os mais abastados e os menos é que estes são um estorvo ao “progresso” que chega. Suas casas atrapalham a “beleza” das residências mais aparelhadas e de melhor aparência. O medo do *outro*, daquele que não é seu igual, seu espelho faz com que sejam olhados com desconfiança ou indiferença; olhar que os *coisifica*. Desse modo, torna-se ativa outra forte *representação*, a de que eles não têm direito àquele lugar. Cláudio-A refere-se a essa situação dizendo-se *invisível* na escola em que trabalha: “A gente é um cone. Não olham na cara, não dão bom dia nem boa tarde. Passam todo dia e nem olham, como se dissessem: eu sou professor, você é um nada”.

Tal situação se completa, no bairro, com a alta taxa de impostos ou com a impossibilidade de que esses moradores têm de pagar as dívidas acumuladas durante a interminável construção.

Os antigos moradores, por processos diversos, acabam tendo que sair do seu lugar, da casa que construíram superando empecilhos e vivendo a relação entre o fazer e a obra construída; deixar a vizinhança, abandonar os laços de amizade daquele espaço no qual organizaram a vida, expulsos que são pelo crescimento da cidade.

A família do sr. Cláudio-B é outro exemplo de como, para o capital, a autoconstrução beneficia a especulação imobiliária, favorece os investimentos do Estado e só aprofunda o problema da moradia para o setor da sociedade mais desfavorecido economicamente.

O sr. Cláudio-B é motorista de cargas e transporta, através do Brasil, bicicletas de indústria de Guarulhos. Começou a trabalhar com 14 anos. Com 24 anos, casou-se e foi morar no Jardim Continental II. Comprou o terreno, financiado em 20 anos. Começou, em mutirão, a construção da casa que inicialmente tinha dois cômodos e um banheiro e que até hoje não está pronta. Com ajuda da mulher, que ele considera uma lutadora, está criando os dois filhos, um de 18 anos e outro de 15. Estes não conseguem continuar os estudos porque não existem escolas de ensino médio no bairro. Trabalham sem carteira assinada e não desfrutam de nenhum lazer onde moram. A vida não melhorou para a família. Diz o sr. Cláudio-B:

Trabalho direto. Não tenho contato com os vizinhos. No tempo de moço, tinha os aniversários, os bailes. Antes, eu levava a família no caminhão. Viajava com a família. Eram pequenos. Tenho vontade de mudar pra Sorocaba; aproveitar um pouco a vida. O que ela [esposa] sofreu pra criar os filhos...

E sua esposa conta:

Compramos este terreno há 20 anos, e ainda a gente está pagando... A gente começou a erguer a casa com muito sacrifício, com pouco dinheiro. Eu tirava terra para nivelar o terreno, ajudava em serviço de pedreiro... Aos poucos, fomos construindo a casa, com a ajuda de meu pai, de alguns amigos... Faz uns 15 anos que está sendo feita, conforme sobra um dinheirinho. Meu sonho é ver a minha casa pronta.

A casa do casal cresceu, cômodo por cômodo, enquanto cresciam seus dois filhos. A criação dos filhos e a construção da casa foram seus dois objetivos mais importantes, um sonho de toda vida; o orgulho transparece na fala, nos gestos, nas expressões do rosto, quando mostram a pequena sala, os dois quartos, o banheiro, a cozinha, tudo sem pintura, apenas com o reboco, feito recentemente. Lembram o personagem/narrador da música de Adoniran quando se expressa: “minha maloca, a mais linda que eu já vi...”.

É claro que o casal falou também da dificuldade para pagar o terreno, financiado em 20 anos, dos altos impostos, da falta de água, da violência no bairro... Mas, acima de tudo, há o reconhecimento da própria capacidade de trabalho e da perseverança para a realização do projeto de vida.

Com muita luta e sofrimento, o casal se constrói como indivíduos, como família, como cidadãos, enquanto constroem sua casa:

Aqui, era só sujeira... Jogavam até lixo hospitalar no terreno ao lado. Meu filho mais velho, quando era pequeno, até pegou doença... Quase morreu. Nós lutamos muito para fazer a prefeitura limpar tudo e (até ajudamos a limpar); construir esgoto, asfaltar as ruas...

A família que participa desse longo processo de construção, que se estende ano após ano, sente-se, cada vez mais, pertencente àquele lugar; julga-se merecedora e com plenos direitos às benfeitorias públicas, responsabilizando-se, um pouco mais, pelo entorno de sua casa, pelas ruas, bairro, cidade... Porém, ao final, a esposa termina, deixando escapar a melancolia: “É muita luta, muito imposto atrasado. Se não der pra vencer, vou vender tudo e vou embora daqui”.

Ocorre que nesse processo de autoconstrução, por ser utilizado material mais barato, de menor qualidade, os moradores têm que refazer o que se deteriorou pelo uso. Isso encarece o processo, ocasiona novas dívidas às vezes sem possibilidade de saldá-las. Talvez seja o caso da família do sr. Cláudio-B. Porém, ao vender a casa, terão a certeza de que um imóvel construído nessas condições não atingirá o preço necessário para pagar o que devem. Endividados, serão obrigados a abandonar o bairro que ajudaram a construir e a valorizar para mais abastados moradores dele desfrutarem.

Outras entrevistas permitem verificar como pessoas que já possuíram bens tiveram sua vida economicamente degradada e não têm condições nem mesmo de adquirir um terreno nessas áreas despovoadas. Precisaram se contentar com o fato de morar no local de trabalho, num subemprego. É o caso de entrevistados no lado rural do bairro de Lavras. São moradores, empregados em uma grande horta que fornece hortaliças para o Ceagesp, centro de abastecimento para o estado de São Paulo.

As casas nessa horta, mal construídas, cinzentas, de madeira e mal cuidadas são “doadas pelo patrão”. Em frente há muito lixo, esgoto a céu aberto e urubus se alimentando de toda sujeira e embalagens de agrotóxico que eles respiram; feia e triste paisagem que contrasta com os canteiros de verduras, coloridos e bem cuidados por esses moradores. Eles não se sentem pertencentes ao lugar; estão ali de passagem e, talvez por isso, não queiram transformá-lo em um espaço mais digno e acolhedor.

Rafael, um menino de 12 anos que mora ali com seus pais, disse: “Não vamos morar aqui por muito tempo... É até meu pai arranjar um emprego melhor. Minha mãe quer voltar pro Norte ou morar em São Paulo”.

Enquanto Maria (35 anos), que concluiu o ensino fundamental, analisa, em linguagem clara e com jeito decidido, sua situação de ex-empregada, registrada em firmas comerciais, José (28 anos), mais tímido, parece resignado ao trabalho pesado.

A casa em que moram, ali mesmo na chácara, é um barraco. A precariedade é evidente pelos fios de eletricidade desprotegidos que chegam por cima da terra. A única razão de estarem ali é o desemprego a que se viram submetidos.

Maria cresceu no sítio da família, no Paraná. Em Guarulhos pensou melhorar de vida. Desde os 12 anos, José trabalha em lavoura. A família veio do Nordeste. Tem experiência e gosta do que faz; do contato com a terra e com as plantas, embora considere cansativo seu trabalho, durante onze horas por dia e seu salário semanal, minguido. Espera um dia sair dali e ter sua própria chácara.

Maria conseguiu condições menos árduas; não é empregada da chácara, trabalha por conta própria, em sistema de empreitada, mas suas mãos grossas e calejadas são sinais de sua labuta diária. Também gosta de lidar com a terra, no entanto, as *representações* entremeadas em suas palavras mostram clareza em relação à sua história. Não tem ilusões relacionadas à compra de bens materiais. Para Maria, viver é não estar só. Seus valores são: a boa vida conjugal e a saúde. Mudar de vida é difícil.

Lazer aqui é só trabalhar, até aliviar as dívidas. O pouco que se ganha tem que saber administrar, deixar de lado o supérfluo. Gostaria de poder cuidar mais da saúde, pra viver melhor. Já vivi muito tempo sozinha. Na vida a dois um ajuda o outro.

Trabalhar por conta própria pode dar a Maria alguma possibilidade de negociação, mas tem desvantagens. Nem sempre há oferta de serviço para autônomos que os obriga, mesmo sendo capacitados, a se submeter a subempregos. Quando a essa contingência se acrescenta a falta de moradia, as complicações são redobradas, porque as pessoas não têm lugar seguro para guardar seus instrumentos de trabalho, que custam caro. Além disso, a procura de emprego pode demorar bastante. Ocorre ainda que certos serviços como de jardinagem, por exemplo, exige muitas vezes que o trabalhador forneça terra, adubo ou até mudas, transporte e destinação do que foi retirado na feitura do jardim Kowarick (1979) e Bega dos Santos (1994).

Essas são razões suficientemente fortes para que aceitem um subemprego, em condições injustas de trabalho e moradia desconfortável e insalubre, como acontece com Maria e José. Eles já não veem como buscar condições dignas de moradia, nem como tentar a auto-construção em terreno comprado ou ocupado. Nesse momento só a sobrevivência importa.

As palavras de Cláudio-A e do casal José e Maria são atravessadas por exemplos que elucidam bem as representações oriundas do vivido e as que dele são dissociadas.

A invisibilidade de Cláudio-A é consequência de uma falsa representação. Os valores dos professores daquela escola fazem-no enxergar assim como enxergam todos aqueles que os servem em tarefas menos prestigiadas socialmente, como objetos. Cláudio-A é, por eles, destituído de sua personalidade, considerado como outro anteparo qualquer que impeça a entrada de estranhos ao estabelecimento; como um portão, uma grade de ferro a quem ninguém precisa dar atenção e cumprimentar. Essa invisibilidade falsa contrasta com a representação que Cláudio-A tem de si mesmo e que vem da consciência do valor de sua vida; nasce das relações as mais verdadeiras, as que têm significado concreto para ele, como o saber de seus familiares, a solidariedade, a tenacidade e perseverança com que construíram a moradia.

As representações imbricadas no vivido são claras também na fala de Maria. Apesar de todo o apelo ao consumo que atinge aqueles que são melhor ou pior situados economicamente, Maria é infensa a ele. Seus valores são a saúde, a vida conjugal, o afeto. Suas representações orientam seu cotidiano e seus sonhos, porém sem criar falsas ilusões. Não há mágica para pagar as dívidas. Para ela o importante é: *Saber administrar o pouco que se ganha. Deixar de lado o supérfluo. Aliviar as dívidas e viver melhor.*

Para não interromper as reflexões

A metodologia do estudo do meio e o papel da entrevista como fonte de pesquisa em ciências humanas despertaram grande interesse nos participantes. Também o desejo de que não se interrompam as perguntas e a busca de respostas sobre a falta de moradia. Nesse sentido, reafirmou-se a ideia de que os problemas relativos à moradia tendem a aumentar no compasso do crescimento da pobreza.

Se a pobreza aumenta, a parte mais desfavorecida economicamente seguirá alijada a locais isolados, desprovidos de infraestrutura, com habitações insalubres, e sem poder desfrutar dos bens que a cidade oferece. As características ambientais sofrerão impactos reveladores do modo como forem resolvidas as contradições criadas em consequência da má distribuição da riqueza e da responsabilidade com que será considerada a vida nas relações socioambientais.

Nesse processo, a organização dos mais afetados pelas desigualdades econômicas é fundamental. Se estiverem organizados, poderão tentar influir na correlação de forças políticas e econômicas que têm papel decisivo nas transformações ambientais e no (re)planejamento das cidades com seu entorno. Tentativa motivada pelo desejo de tornar possível o direito de viver e de habitar.

Referências

- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. Musa, 2001.
- BAKHATIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BEGA DOS SANTOS, C. B. *Rochdale e Alphaville: formas diferenciadas de apropriação e ocupação da terra na metrópole paulistana*. Tese (Doutorado em Geografia Humana)

– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

BONDUKI, N.; ROLNIK, R. Periferias. *Cadernos de Pesquisa Prodeur*, São Paulo: FAU-USP, n. 2, 1979.

DELIZOICOV, D.; ZANETIC, J. A proposta de interdisciplinaridade e o seu impacto no ensino municipal de 1º grau. In: PONTUSCHKA, N. N. (Org.). *Ousadia no diálogo: interdisciplinaridade na escola pública*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. A proposta de interdisciplinaridade e o seu impacto no ensino municipal de 1º grau. In: PONTUSCHKA, N. N. (Org.). *Ousadia no diálogo: interdisciplinaridade na escola pública*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 9-15.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. *La présence et l'absence: contribution à la théorie des représentations*. France: Casterman, 1980.

KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... Em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. *O ensino de geografia no século XXI*. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2004.